

"Que Tipo de Vida é Essa?": As Vozes do Êxodo Silencioso de Cuba

EDITORIAL KIN INSTITUTE | MAIO DE 2026



Bairro de Havana durante um apagão noturno massivo.

O apagão não escolhe bairro, mas escolhe a hora: geralmente, é quando a comida já escassa na geladeira começa a descongelar. Em março e abril de 2026, a rede elétrica nacional de Cuba entrou em colapso repetidas vezes, deixando milhões de pessoas no escuro. Sem energia, não há como bombear água. Sem água, a vida cotidiana se torna um exercício de sobrevivência primária.

Mas os números, por mais drásticos que sejam, não conseguem traduzir o cheiro da comida estragando no calor do Caribe ou o som das ruas silenciosas à noite. A população da ilha caiu drasticamente, com estimativas independentes a apontar para um declínio demográfico sem precedentes. Apenas em 2024, mais de 250.000 cubanos deixaram o país. É o maior êxodo desde a Revolução.

Contexto Atualizado (Maio 2026): A crise agravou-se nas últimas semanas. A administração de Donald Trump anunciou um endurecimento significativo das sanções a partir de 1 de maio de 2026, visando altos funcionários cubanos e apertando o bloqueio energético. Com o fornecimento de petróleo venezuelano quase nulo e as recentes entregas russas esgotadas, Havana enfrenta apagões de até 20 horas por dia. O governo cubano denuncia a pressão como uma "guerra económica total", enquanto os EUA mantêm a exigência de mudanças estruturais no regime, condicionando qualquer alívio a negociações.

Não se trata apenas de geopolítica nos salões de Washington ou Havana. Trata-se da mesa do jantar. Trata-se da decisão de um jovem de 34 anos chamado Rodriguez.



Moradores aguardam em longas filas desde o amanhecer para comprar bens básicos.

A Rota dos Vulcões

Rodriguez vendia cervejas em um bar em Havana Velha. A inflação devorava o peso cubano, então ele comprava cervejas por fora e as revendia a turistas. O objetivo não era enriquecer, mas juntar 1.500 dólares. Esse era o preço da passagem aérea para a Nicarágua — o primeiro passo da rota que os cubanos chamam de "A Rota dos Vulcões".

Durante anos, a Nicarágua permitiu a entrada de cubanos sem visto, criando uma ponte aérea para aqueles que buscavam chegar aos Estados Unidos. De Manágua, a jornada de quase 3.000 quilómetros até a fronteira do Texas é feita a pé, em autocarros clandestinos e na caçamba de camiões.



Jovem cubano numa estrada poeirenta da América Central durante a longa jornada para norte.

Na estrada, Rodriguez conheceu uma mulher do Quênia. Ela não falava espanhol; ele arranhava o inglês. Ele traduzia e negociava com motoristas e polícias corruptos. Ela pagava as despesas de viagem de ambos. Foi uma aliança forjada no desespero de quem não tem um Estado para os proteger.

Hoje, Rodriguez vive no Texas. Trabalhou na construção civil, como bartender e numa fábrica de automóveis. Mas o alívio de ter chegado é ofuscado por uma nova sombra: o aperto nas políticas de imigração dos EUA em 2026 deixou dezenas de milhares de cubanos num limbo legal, com o fim de programas cruciais de parole humanitário.

"Se te mandam parar até por uma multa de trânsito, isso pode virar um caso de deportação se não tiveres os papéis certos."

Rodriguez respira fundo cada vez que vê as luzes vermelhas e azuis de uma viatura.

O Fim da Ponte e a Volta ao Mar

Para as famílias que ficaram em Cuba, a esperança de seguir o mesmo caminho de Rodriguez sofreu um golpe devastador no início de 2026. Sob forte pressão, o governo da Nicarágua suspendeu a isenção de vistos para cubanos, efetivamente bloqueando a principal rota terrestre.

A alternativa que resta é a Guiana, na América do Sul, o que obriga os migrantes a atravessar a letal selva do Darién, entre a Colômbia e o Panamá. Ou, para os mais desesperados, o retorno à rota marítima: embarcações precárias e superlotadas lançadas ao Estreito da Flórida, uma travessia que frequentemente termina em tragédia.



Uma embarcação precária no Estreito da Flórida ao anoitecer, a rota mais desesperada de fuga.

Em Havana, uma mãe olha para o ecrã do telemóvel esperando uma mensagem do filho que está em algum lugar no sul do México. Em Austin, Rodriguez conduz à noite, enviando o que pode para ajudar a mãe a comprar comida no mercado negro.

As sanções económicas, os embargos e os discursos políticos continuam a ecoar nos noticiários. As recentes declarações de Donald Trump e as sanções implementadas em maio de 2026 apenas adensam a tempestade perfeita que paira sobre a ilha. Mas para as pessoas comuns, a pergunta que ecoa nas ruas escuras de Havana e nas rodovias do Texas é mais simples e brutal: "Que tipo de vida é essa?"

O KIN Institute trabalha para fornecer rotas seguras, informação verificada e redes de apoio para migrantes em todo o mundo. Não somos uma organização de resgate. Somos a informação que chega, antes que o perigo avance. Visita kin.institute